

O monopólio do conhecimento contra você

Paulino Michelazzo – paulino@michelazzo.com.br

Não existe monopólio pior que o do conhecimento. Cercea-se o direito de aprendizado, proíbe-se a comunicação direta e linear com outras culturas, inibe-se a formação auxiliar de opiniões e acima de tudo, ceifa-se a liberdade de opção das pessoas que por estarem diante de um modelo único, não possuem escolha senão a de não escolher.

Lembro-me que o único local onde li que o monopólio é algo benéfico foi no *best-seller* de Mario Puzo, o *Chefão*¹ onde um de seus personagens, Don Vito Corleone, acredita que o mesmo é eficiente enquanto a livre concorrência é ruínosa. Claro que esta é a visão daquele que possui sob sua guarda o monopólio e não daquele que está fora dele. Mas a ficção apresentada no livro não difere muito da vida real; os que detêm o monopólio de qualquer área o fazem sem limites e escrúpulos, mantendo-o de tal forma eficiente que não existem sequer brechas para tentativas de romper estrutura tão rentosa. Suas principais armas são a alienação gerada pelo próprio modelo e o oferecimento de novas “oportunidades” a conta-gotas, criando para aqueles que dele se utilizam uma falsa sensação de liberdade e aproveitamento.

O monopólio, como qualquer forma de organização pseudo-homogênea é perigoso tanto para aqueles que dele fazem parte quando para os que estão do lado de fora. Para os primeiros, uma simples mudança no *status-quo* pode aniquilar em pouco tempo um número incontável de elementos participantes, principalmente quando estes possuem características similares. Um exemplo claro desta afirmação são as pragas de lavouras que, aproveitando-se da homogeneidade de uma cultura, a devasta em questão de dias. Se no lugar desta existisse uma multiculturalidade, a maior parte dos elementos participantes estaria segura e não seria afetada pela praga resultante do monopólio.

De outro lado, aqueles que estão fora do modelo, são privados da liberdade de escolha e além disso, quase sempre obrigados em um momento ou outro, a participar desta situação mesmo que a contragosto para assegurar a mínima sobrevivência. Como exemplo, companhias de telefonia que apregoando a facilidade do uso de telefones móveis, condenam os telefones públicos (os conhecidos “orelhões”) aos museus do mundo, “esquecendo” convenientemente que ainda existem em lugares longínquos, pessoas que destes dependem e não mais podem usar por uma decisão comercial amparada numa mentira de perna curta.

A liberdade da comunicação

Pessoas desinformadas acreditam que países desenvolvidos como os Estados Unidos, Austrália, Alemanha, Inglaterra e outros participantes dos vários blocos econômicos “ricos”², possuem uma liberdade de comunicação maior que os considerados pobres. Este é um engano que muitas vezes leva a pensar que lá estando, consegue-se ser mais livre no tocante a comunicação e expressão. Para aquele que um pouco pesquisa é fácil perceber que até mesmo esta informação não é verdadeira, ao contrário, é comumente maquiada com o intuito de apresentar esta imagem de liberdade mesmo que fictícia.

Hoje a informação vista todas as manhãs por mais de cem milhões de americanos é decidida por não mais que vinte pessoas; editores de grandes cadeias de comunicação que despendem vinte, trinta minutos de sua jornada de trabalho diário para decidir o que um terço da população do país mais rico do planeta irá ver e ouvir e com isso, manipular sua opinião para o lado determinado pela mídia. Este cenário de manipulação por meio do monopólio não acontece somente nos Estados Unidos. Em outros países onde a distribuição da informação é feita principalmente por meio de cadeias de televisão (tal qual o Brasil), poucas pessoas decidem aquilo que a grande massa da população vai saber durante o dia, manipulando-os. Sem opção visível, aquele que possui uma opinião fraca sobre os assuntos e acontecimentos é via de regra levado a acreditar que o apresentado é verdadeiro e correto.

1 ISBN: 8577990192

2 Os blocos econômicos ricos são conhecidos principalmente como G7 e G8

Sobre isso já falava o vice-presidente americano de Richard Nixon, Spiro Agnew logo após discurso do presidente sobre sua política na guerra do Vietnã. Em seu discurso³, Agnew contesta a permissão governamental para a criação de monopólios de tal monta que fatalmente gerenciam as notícias de acordo com seus interesses e claro, de governos e anunciantes.

Trazendo o assunto para os dias atuais, levanta-se a hipótese que o maior site de buscas da Internet, o Google, estaria se aproveitando de sua hegemonia no mercado para fazer o mesmo, ou seja, liberar ou não o acesso à determinadas informações (resultados de busca) de acordo com seus próprios interesses ou ainda de acordo com os interesses governamentais dos países onde opera. Exemplo claro desta hipótese é a dificuldade de encontrar informações sobre assuntos relacionados à guerras ou governos totalitários dentro dos domínios destes, como exemplo na China onde muito daquilo que possui “permissão de veiculação” não atenta contra os interesses do partido comunista daquele país.

Não é possível afirmar e provar que a prática do Google exista e seja comum, mas só com viabilidade da mesma já são levantados negros pensamentos sobre uma futura era do “grande irmão” na qual seria impossível ter-se privacidade e, ao mesmo tempo, não obter acesso à verdadeira informação por questões monopolistas deste ou daquele agente facilitador de acesso.

O cerceamento do conhecimento por meios tecnológicos

Mas nem só dos monopólios de comunicação que cerceiam o conhecimento vive a era da informação pela qual passamos. Eles também podem ser vistos em áreas como o desenvolvimento de softwares e de conteúdo digital e a livre distribuição destes para a população em geral. Gigantes companhias multinacionais aproveitam-se do modelo de licenciamento fechado baseado em *copyright* para proibir o acesso ao núcleo da informação, seja esta de qualquer tipo tal como uma música, um vídeo ou mesmo um software, valendo-se da desculpa de não existir necessidade de compartilhar este conhecimento para que a sociedade como um todo possa progredir. Este pensamento vai contra a história das revoluções culturais humanas onde até meados do Século XIX o aprisionamento do conhecimento era algo raro e pouco usual e que impulsionou a descoberta de novos produtos, novas tecnologias, novos remédios e novas soluções para a sociedade como um todo.

No desenvolvimento e uso de softwares esta situação é ainda mais problemática por dois principais motivos; primeiro por ele ser algo tão imprescindível atualmente quanto a energia sob qualquer forma e segundo, por existir neste mercado um monopólio acintoso de poucas companhias sobre uma parcela enorme da população mundial. Com o uso intensivo de computadores em todas as áreas do cotidiano, o software tornou-se muito mais que um simples sistema operacional e alguns aplicativos, ascendendo à categoria de conhecimento humano e podendo ser classificado no mesmo nível de técnicas para a produção de remédios, vacinas ou ainda cálculos de engenharia civil ou elétrica, os quais devem obrigatoriamente ser compartilhadas para o uso de todos, pobres e ricos, poderosos ou não. Estas companhias ditam o mercado tanto de hardware (parte física) quando de software (parte lógica) de milhões de máquinas usadas em repartições públicas, escolas, empresas, escritórios e lares de todo o mundo. Diante desta situação é muito fácil compreender os efeitos maléficos deste monopólio sendo principalmente sentido pelos mais pobres que por estarem diante de uma “única opção”, deixam de compartilhar o que possuem e de fazer parte do compartilhamento mundial do conhecimento, tornando-se somente um receptor da tecnologia ofertada por um ou dois fornecedores.

Entretanto de outro lado encontram-se verdadeiras células de resistência à este modelo monopolista formadas por pessoas, grupos de usuários, empresas e governos que acreditam que o software, seja ele de qualquer tipo, é muito mais que um mero produto e assim o considera como conhecimento coletivo multidisciplinar que forma algo útil à todos e por isso devem ser realmente compartilhado entre todos sem ressalvas e permitindo, porque não, a geração de lucro e renda equitativa à todos. Estes são os participantes do conhecido movimento do Software Livre⁴ que por meio da distribuição sob *copyleft* do código-fonte de softwares, permitem que todo o conjunto de técnicas existentes vá parar na mão daqueles que desejam e necessitam.

3 Agnew apud Altschull, Responsabilidade Penal na Lei de Imprensa de Rodríguez e Victor Gabriel

4 Também conhecido como FLOSS – Free/Libre Open Source Software ou Open Source

Este compartilhamento não se resume somente em linhas de código de softwares, mas também de informações de todos os tipos e de todas as áreas. A Wikipédia⁵, uma enciclopédia livre criada por usuários e para usuários da Internet é um dos melhores exemplos de como o conhecimento pode ser compartilhado. Dentro dela, milhões de artigos sobre os mais variados temas em dezenas de idiomas diferentes são escritos, atualizados e disponibilizados gratuita e diariamente na grande rede para que qualquer pessoa com acesso a um computador possa em poucos minutos obter informações sobre os mais diversos temas. Perfeita não é, mas certamente é o ponto de partida para o retorno da condição de compartilhamento existente anteriormente e que foi deturpada por interesses financeiros de todos os tamanhos.

Um pão, duas idéias

Em um artigo de minha autoria⁶ conto uma história onde duas pessoas com pães embaixo dos braços se encontram em um caminho, trocam os pães e vão embora. O resultado é que cada um continua com um pão sob os braços, nada acrescentando, nada perdendo. Mas se a troca for de idéias e não de pães, cada um sai não com uma idéia na cabeça, mas sim duas. Ou seja, o conhecimento nunca é reduzido pelo compartilhamento, mas sim somado. Com isso multiplicam-se as possibilidades de resultados benéficos para todos sem que isso gere uma redução de dividendos.

Ignorantes são aqueles que acreditam que o monopólio do conhecimento é a única forma de se obter lucro ou renda. Na verdade estes não são ignorantes, mas sim aqueles que desejam de uma forma ou de outra o monopólio (se ainda não o tem) e que acreditam como Don Corleone que a livre concorrência é ruínoza. Se observarmos a busca de conhecimento em áreas como astronomia ou farmacologia, veremos que as descobertas não são feitas por uma ou outra pessoa isolada, mas sim fruto do compartilhamento do conhecimento de várias pessoas que em algum momento cederam seus conhecimentos à outrem com o intuito de acrescentar aquele pequeno ponto que faltava em determinada equação ou ainda aquele elemento para a criação de uma nova vacina que irá salvar milhões de vidas.

Assim, o monopólio não atenta somente contra você ou seus pares, mas sim contra toda a humanidade que precisa, de uma forma ou de outra do conhecimento coletivo com o intuito de crescer harmoniosamente e deixar para trás as diferenças principalmente econômicas que somente geram o caos, a incerteza e o medo de um futuro digno para nossos filhos.



Este texto está licenciado sob Creative Commons. Os termos de licenciamento podem ser vistos no endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/>

⁵ www.wikipedia.org

⁶ Um pão, duas idéias em <http://www.michelazzo.com.br/node/200>